

# O USO DAS GÍRIAS COMO LINGUAGEM INFORMAL DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL SÃO PEDRO

Sâmea Gondim Ferreira<sup>1</sup> – UEA/NESMAU

Franklin Roosevelt M. de Castro<sup>2</sup> – UEA/NESMAU

**RESUMO:** A presente pesquisa visa explorar e conhecer o vocabulário utilizado pelos adolescentes no âmbito escolar. A discussão foi fundamentada em cima de estudos sobre a sociolinguística, as variações e as gírias em si. A pesquisa de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa e exploratória, a fim de propor uma análise teórica-metodológica baseada nos estudos feitos no decorrer desta pesquisa, acerca do uso das gírias no ambiente escolar. Dessa forma, escolheu-se uma escola de Rede Pública para a realizar a pesquisa, a fim de coletar as gírias faladas pelos alunos e assim fazer um levantamento de dados para saber quais são e os seus respectivos significados para uma melhor percepção e entendimento do seu contexto de fala e uso. Os resultados obtidos nesta pesquisa, nada mais foram do que uma melhor percepção do vocabulário dos adolescentes, a qual é riquíssimo e são usadas em vários contextos, de formas diferentes, expressões que são carregadas de múltiplos significados, levando em consideração os seus falantes e o contexto situacional.

**Palavra-chave:** Gírias; Escola; Linguagem; Aluno.

## INTRODUÇÃO

Com o propósito de explorar o vocabulário dos alunos, considerando os falantes e seu contexto situacional de uso, decidiu-se desenvolver uma pesquisa acerca do uso das gírias no âmbito escolar e seus respectivos significados a fim de elaborar um glossário para uma melhor percepção e conhecimento das expressões utilizadas pelos adolescentes.

Durante épocas a linguagem sofreu alterações e adaptações, acompanhadas de vícios de linguagem e as gírias que também se modificaram com o decorrer dos anos. As gírias, por sua vez, fazem parte do modo como os jovens se comunicam e que variam conforme a faixa etária, época e classe social de cada um.

As gírias perante a sociedade ainda sofrem bastante preconceito linguístico, pois se acredita em uma linguagem de pobres e marginalizada, como afirma J. B Serra e Gurgel (1998, p. 28) “confinar a gíria a grupos marginais ou, como os dicionaristas e os esteticistas da linguagem a entendem de malandros – espécie de sub-raça de um subpovo”.

---

<sup>1</sup> – Aluna do curso de Licenciatura em Letras – UEA/NESMAU (Núcleo de Ensino Superior de Maués)

<sup>2</sup> – Professor orientador na UEA, Doutorando em Linguística na Unicamp. Mestre em Filosofia, Graduado em Letras, Graduado em Filosofia.

Patriota (2009, p. 14-15) afirma que “apesar de todo o preconceito que sempre a cercou (e cerca!), a gíria é um fenômeno que tem cada vez mais, invadido a sociedade em seus mais diversos segmentos e níveis – etários, sociais, econômicos e culturais”

Observa-se que as gírias com o passar do tempo ganharam maior visibilidade e facilmente se insere entre os indivíduos, como uma forma de serem identificados em seus grupos de falas, além de está muito presente no dia a dia da sociedade. Como afirma a autora em questão Patriota (2009, p.31) “fenômenos chamados de linguagens especiais: formas e expressões linguísticas que, motivadas por fatores como idade, sexo, profissão, condição social, escolaridade, surgem como variações próprias de grupos que compartilham uma forma particular de comunicação”

Diante desta situação, houve um interesse maior por esse segmento vocabular, a qual é de uma grande variedade linguística e que faz parte de um processo de identidade do falante, dentro da comunidade em que se insere. O objetivo em questão foi conhecer e entender a maior parte das expressões presentes no vocabulário do adolescentes, a fim de ter uma melhor percepção acerca do que é falado rotineiramente entre eles.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Sociolinguística**

De acordo com Cezario e Votre (2011, p. 146), “como fruto da insatisfação diante dos modelos existentes que afastavam o objeto da realização da língua e de suas diversas manifestações, vários linguístas procuraram outros caminhos”, o que resultou no surgimento da corrente teórica, chamada Sociolinguística. Reis, Machado e Barbosa (2011, p. 642) afirmam que:

A sociolinguística é uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro da comunidade linguística. A teoria sociolinguística surge em meados da década de 60 como uma espécie de reação às teorias estruturalista e gerativista transformacional, uma vez que veio propor a consolidação de uma concepção de linguagem essencialmente social, correlacionando sistematicamente a língua à história social dos falantes e considerando como ponto inicial de análise a diversidade própria de uma comunidade linguística.

A sociolinguística é um ramo da linguística que especificamente estuda a língua em seu uso real, ou seja, em reais situações de comunicação, voltado para a investigação dos aspectos linguísticos e sociais, visando estabelecer que a diversidade não seja tomada como um problema, mas como algo a ser observado, descrito. Como afirma Tânia Alkimin (2001, p.31)

O objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, isto é, em situações reais de uso

observada, descrita e analisada em seu contexto social. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Dentro da sociolinguística a vertente mais difundida foi a Variacionista, “Teoria da Variação” ou “Teoria Laboviana”, pois William Labov foi um dos principais precursores da teoria em questão, a qual “baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia” (CEZARIO, VOLTRE, 2011, p. 50).

O modelo teórico acredita na heterogeneidade, ou seja, são as mudanças que ocorrem devido aos fatores culturais, regionais, geográficos ou históricos, uma vez que o fato dela ser heterogênea está devidamente ligado à variação linguística, pelo fato de que se ocorrem mudanças, ocorrem variações.

A heterogeneidade ordenada dos sistemas linguísticos, confirmada pelas várias situações em que se constata mais de uma forma para se dizer a mesma coisa, não compromete a estrutura desses sistemas. Tanto é que, nos momentos de variação, que procedem as mudanças linguísticas, as línguas não deixam de atender perfeitamente as mesmas necessidades comunicativas do falante (SANTOS, 2008, p. 19)

A língua é um fato social, não é constituído de coerência, porém, é um sistema marcado por alterações relacionadas com o social, sendo assim a melhor maneira de estudá-la é determiná-la como um sistema heterogêneo e por consequência conseguir mostrar as variações das formas linguística dentro de uma comunidade.

Esta vertente leva em consideração o contexto social, o gênero, a idade, a classe social, as diferentes profissões e status sociais que podem exercer uma forte influência e reflete em como o falante se comunica com terceiros.

Nesse enfoque, o exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. (CAMACHO, 2001, p. 50).

Como descreve Tarallo (2000, p. 93) “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”, as mudanças linguísticas nascem da heterogeneidade da língua, entretanto nem toda variação linguística haverá mudanças, mas toda mudança haverá variação linguística, o que muda são as características da fala de determinado grupo.

## As Variações Linguísticas

A Variação Linguística é um fenômeno que ocorre com a língua pelo simples fato de que a mesma é mutável, pode sofrer modificações de acordo com as variações históricas e regionais feitas pelos seus próprios falantes. As variações ocorrem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, logo, é normal que seus falantes façam arranjos e modificações de acordo com suas necessidades comunicativas.

Os Parametros Curriculares Nacionais abordam a variação linguística da seguinte forma:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer postura normativa. [...] Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas um língua nacional, notam-se diferenças de pronúncias, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. [...] O uso de uma outra forma de expressão depende, sobretudo, de fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero (sexo), da relação entre os falantes e do contexto de fala (BRASIL/SEF, 1998, p.29) apud LIMA (2016, p. 152)

Deste modo, a variação linguística tem suas ramificações, se diferenciando da norma-padrão, a qual é um modelo convencional implantada por gramáticos e que também tem maior prestígio social, pois é aquela que é ensinada nas escolas e cobrada em ambientes e situações formais. Com relação aos fatores convencionais, sociais, momentâneos, históricos, regionais ou do contexto de fala, as variações se dividem em grupos: regionais (diatópicas), históricas (diacrônica), social (diastrática).

A variação regional, chamada de variação diatópica que são as variedades que sofrem grande influência do espaço geográfico em que vivem, de acordo com a cultura local, exemplo disso no campo lexical temos a palavra “calcinha” que é falado no Brasil, porém em Portugal é chamado de “cueca”, sendo uma peça íntima usada por mulheres.

No plano fonético: A pronúncia aberta da vogal anterior média como em “prêmio” [“prɛmjɐ”], com a pronúncia fechada no Brasil, “prêmio” [premjɐ]. No plano gramatical: derivações diversas de uma raiz comum, como em ficheiro, paragem, bolseiro, que no Brasil correspondem a fichário, parada e bolsista; a colocação de advérbios como em “Lá não vou” (Portugal) e “Não vou lá” (Brasil). (ALKIMIM, 2004, p. 34)

Essas diferenças lexicais não são só observadas em países distintos, mas também em cidades diferentes de um mesmo país, como por exemplo, um mesmo produto ou objeto ter vários nomes de acordo com a região ou cidade, que é o caso da “macaxeira” (Nordeste), que pode ser conhecida por

“mandioca” (São Paulo), ou “aipim” (Rio de Janeiro). Essa variação é conhecida por variação lexical.

Outro tipo de variação, é a variação histórica que também é conhecida como variação diacrônica que são os termos que se substituem com o decorrer do tempo, como afirma Camacho (1978, p.31) “O conhecimento de variantes históricas e seu reconhecimento pelos membros de sua comunidade, como pertencentes faz preservar o passado de um instrumento de comunicação”.

Exemplos desse tipo de variação são as palavras “você” e “famácia”. O “você” há anos atrás era “vossa-mercê”, ao longo do tempo passou a ser “vosmecê” e hoje em dia um pronome de tratamento “você”. A palavra “farmácia” há anos atrás a escrita era “pharmácia”, depois recebeu reforma ortográfica e passou a ser escrito hoje em dia “farmácia”.

Variação diástratica ou variação social tem relação com a identidade do falante partindo do convívio entre grupos sociais, dentro de sua organização sociocultural, incluindo faixa etária, profissão, nível de escolaridade, classe social, ou sexo. Como afirma:

Todas as línguas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem e igualmente válidas como instrumento de comunicação social, sendo inconcebível, portanto, afirmar que uma língua ou variedade linguística é superior ou inferior a outra (GORSKI; COELHO, 2009 p. 81).

Dentro dessa variação que surgem as gírias, os jargões e conseqüentemente o preconceito linguístico. As gírias são vocabulários específicos de determinados grupos. Os jargões são relacionados ao lado profissional, caracterizando uma linguagem técnica específica de médicos, advogados, engenheiros, professores, técnicos de informática e etc. Um exemplo para esclarecer essa vertente da variação linguística é um poema de Oswald de Andrade que diz:

### **Vício na Fala**

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

O preconceito advém de justamente pelo fato de que essa variação leva em conta o status socioeconômico e cultural do seu falante, pois os gramáticos implementadores da norma-padrão, tem o português como uma única e soberana forma de se comunicar, não levando em consideração os seus falantes, um erro grande, pois é a partir daí que nasce o preconceito linguístico, por acreditarem que há uma superioridade linguística. Bagno (2000, p. 51):

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade dos falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte de preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive.

Assim, os fatores religião, faixa etária, condição social, sexo, raça, gênero, profissão são levadas em consideração nesse tipo de variedade linguística, pois são dessas particularidades que surgem essas variações linguísticas.

### **As gírias**

#### **(Não bolou, por que? – Criolo)**

“Eu sei o que você quer,  
De longe a gente ganha o vacilão.  
Sempre só de migué, respeite!  
O ar gelou? Sem pressão!  
Fazer por fazer nunca será a nossa,  
A tripa do macaco que derruba a sua tora!  
Quem pensa? Não tem pra servir real sapo,  
E nem transceder pro momento que ligou!  
Feito carrapato fala que quer aprender...  
Não bolou por que? (...)”

Diante dessa música de rap do cantor Criolo, podemos observar que ela inteira contém gírias, para uns parece difícil e embaraçoso, para outros uma linguagem marginalizada embora cada um tenha sua concepção, há aqueles que entendem todo o contexto citado na música e gostam do que leem e tiram uma lição. Estamos em contato com as gírias!

Não se sabe ao certo em que tempo as gírias surgiram, só se sabe que, como afirma Preti (2006, p. 242):

[...] quando se trata da história das gírias, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que os comerciantes ambulantes, mascate, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação.

O que se acredita é que as gírias surgiram de grupos excluídos e marginalizados da sociedade e deve-se a isso a rejeição dessa variedade linguística e pouco se quis aprofundar-se antigamente, fazendo assim com que a norma padrão ganhasse mais prestígio social e as gírias fossem deixadas de lado.

Atualmente não se deve mais atribuir às gírias como falta de escolarização ou condição socioeconômica inferior as demais, pois há estudos voltados para afirmar que:

[...] hoje, simplesmente não é possível ignorar a gíria e sua ligação direta com a vida particularmente na cidade grande. Muito menos atribuir, inocentemente, sua presença na conversação à deficiência de leitura e escolarização, porque a gíria passou a constituir uma opção a mais em nosso repertório linguístico, um recurso muito expressivo para a representação de nossos sentimentos e de uma visão crítica do mundo em que vivemos. (PRETI, 2004, p. 69).

As gírias são elementos mutáveis que se modificam conforme à época e a moda e está inserida em um contexto cultural, pois a mesma é considerada uma linguagem restrita de um grupo social, ela nasce da necessidade de se utilizar recursos expressivos na fala, e é o tempo que determina sua permanência ou descarte. Segundo J. B. Serra Gurgel (1998, p 28), “a gíria é manifestação da língua viva. É expressão dinâmica da maneira de um grupo social e mesmo de uma sociedade se expressar”.

Dentro disso podemos comparar a fala de um adolescente que sempre usa maneiras abreviadas e simplificadas para se referir a algo, como por exemplo, a expressão “top”, que os jovens usam para se referir a algo legal, razoável, ou a algo muito bom. Geralmente não encontramos essa expressão no vocabulário de um idoso ou alguém de um status social mais elevado.

A sociedade está em constante mudança, assim como os seres humanos, a língua como sistema heterogêneo está sempre em construção e desconstrução. A gíria vem da criação de um vocabulário de determinados grupos, com o simples objetivo de se diferenciar dos demais, excluindo indivíduos externos a esse grupo. Luciene Maria Patriota (2009, p. 8) diz: “É essa generalização de uso, que desconhece barreiras etárias, sociais, econômicas e culturais, que garante a gíria um lugar de destaque entre as outras variedades das línguas”.

Como descreve Bueno (2007) “grupo social é uma forma básica de associação humana que se considera como um todo, com tradições morais e materiais”, sendo assim a gíria também é

considerada como forma de identidade. Como afirma Signorini (1998, p. 41):

O indivíduo não tem identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade de evolução e vice-versa. Em outras palavras, a identidade da língua e do indivíduo tem implicações mútuas.

Desta forma, acreditam os teóricos que estes estão entrelaçados, sendo impossível estudá-los separadamente, ou seja, são um conjunto de características que se insere lugar, gênero, raça, história, faixa etária, condição social e econômica, nacionalidade, etnia, orientação sexual e crença religiosa, todos esses fatores formam assim sua identidade linguística.

## **METODOLOGIA UTILIZADA**

Para que fosse possível alcançar os resultados almejados nesta pesquisa, elaborou-se um roteiro metodológico, a fim de alcançar os objetivos propostos, como afirma Minayo (1993, p. 23):

Atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

O método utilizado foi o qualitativo, pois não se busca quantificar, e sim levantar dados que possibilitem a produção de novas informações. Como afirma para este tipo de pesquisa Marina Goldenberg (2004, p. 14) “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”

O método de abordagem utilizado foi o método dedutivo que tem como objetivo explicar o conteúdo das premissas, partindo do geral para o particular, o que fizeram com que fosse possível um contato direto e individual com os alunos. Como afirma Gil (20089, p. 09) “parte de princípios reconhecidos como verdadeiro e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica”

Os tipos de pesquisas utilizados foram pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica foram analisados obras de estudiosos que teorizavam e teorizam sobre as gírias como uma variedade linguística. Como afirma (MARCONI&LAKATOS, 2003, p. 158) sobre este tipo de pesquisa, “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestido de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. E a pesquisa de campo que permitiu-se que fosse coletado informações relevantes diante da problemática estabelecida, que de acordo com (MARCONI&LAKATOS, 2003, p. 186), “é aquela utilizada, com objetivos de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda descobrir novos



fenômenos ou a relação entre eles”. Foram feitas através da catalogação das gírias por modo observacional-descritivo, aplicação de questionários e/ou entrevistas formulados e trabalhadas com questões direcionadas aos alunos, de natureza exploratória.

Justificou-se o uso da pesquisa qualitativa, pois este método deu-me uma visão ampla sobre o

ambiente escolar e permitiu-me um contato direto com o professor e os alunos, além de ter viabilizado uma melhor representatividade, e assim produziu-se análises e comparações diante dos resultados encontrados no âmbito escolar.

Dentro da pesquisa de campo, o modo observacional-descritivo, “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados” Severino (2007, p. 125), permitiu-me um contato mais direto, observar o comportamento dos alunos, e com aplicação dos questionários e/ou entrevistas, serviram de bases para elaboração de um glossário e também para aprofundar-me mais no que é falado diariamente por esses alunos, realizou-se um diagnóstico para que pudesse ser compreendida a contextualização e significação que serviram de contribuição inicial e durante toda a elaboração da pesquisa.

Após as pesquisas de campo, ter analisado o diagnóstico através da pesquisa de campo e aplicação dos questionários e/ou entrevistas, verificaram-se os dados obtidos e observaram-se os resultados alcançados pelo referido trabalho e assim produziu-se análises em cima do que foi coletado e observado durante o processo inicial desta pesquisa.

## ANÁLISES E DISCUSSÕES DO RESULTADO

Para realizar o presente artigo foi acompanhada uma turma de alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola estadual do município de Maués/Am, buscando compreender o uso das gírias no ambiente formal. Para isso aplicou-se um questionário de perguntas para 10 alunos relacionadas ao tema, apresentadas nas tabelas seguintes:

Tabela 1: O uso das gírias em conversa:

Durante uma conversa com seus colegas, você utiliza gírias?	Sim	Não	Algumas vezes	Às vezes	Mais ou menos
Alunos	6	1	1	1	1

Fonte: FERREIRA, Sâmea Gondim. 2019.

Entende-se que o uso de gíria é bastante comum pelas pessoas, principalmente por jovens., afinal é um elemento vivo e mutável, elas são importantes para a manutenção e transformação da língua e está em contato com diferentes públicos e espaços.

De acordo com o quadro a maioria que respondeu aos questionário disseram “sim”, que falam gírias, os outros ficaram acanhados quanto a aceitação de que eles utilizam, mesmo que não intencionalmente essa variedade linguística, pelo fato do estigma social que diz que as gírias são uma linguagem marginalizadas. Corroborando com o pensamento de J. B. Serra Gurgel que diz que as gírias são uma maneira viva e dinâmica de um determinado grupo de se expressar, pois faz parte de seu cotidiano e sua comunidade de fala ao qual se insere.

Desta forma, são nessas comunidades de fala e em conversas informais entre colegas de aula que os alunos mais expressam sua oralidade, sendo assim quando perguntados se “Informalmente, em grupos de amigos, quais gírias você mais utiliza?” eles deram as seguintes respostas:

Tabela 2: Gírias utilizadas em grupos de amigos:

Principais gírias utilizadas	Top, massa já, mano, tchoco
------------------------------	-----------------------------

Fonte: FERREIRA, Sâmea Gondim. 2019.

Essas palavras citadas na tabela acima, mostram as palavras mais usadas pelos alunos da respectiva sala de 9º ano e é comum vermos em frases a palavra “top” como: “Aquele jogo de video game é muito top”, o que quer dizer que o jogo de video game é muito legal, ou muito bom. A palavra “massa já”, quando se refere, por exemplo: “Massa já você ter mentido para o seu amigo”, quando acompanhada do adverbio “já”, a palavra “massa” ganha uma entonação de desaprovação a alguma situação acontecida. “Mano” pode ter dois ou três significados, o primeiro é você chamar alguém que é seu amigo “Mano, vem cá”, uma saudação “E aí, mano?” ou com entonação para desaprovar algo, como por exemplo “mano, eu não acredito que voce não trouxe o livro que eu te pedi”. Por fim a palavra “tchoco” que é uma gíria caboquês do município de Maués que usado em situações de reprovação e se torna algo não muito bom por quem utiliza, como por exemplo “Tchoco, não acredito que você não vai ao passeio depois da aula”.

É tão interessante perceber que as gírias podem ser utilizadas em diversas situações com os mais diferentes tipos de entonação e contexto de uso. As gírias são um fenômeno mutável e de caráter popular que são criadas e utilizadas por determinados grupos sociais, que com o decorrer do tempo sofrem alterações e se adequam como identidade de um grupo social. Como afirma Signorini, que as gírias e identidade andam entrelaçadas, ainda também Patriota diz que, é nesses determinados grupos de falas, a qual se insere, as classes sociais, faixa etária, gênero, nível de escolaridade e cultura que as gírias ganham lugar de destaque, pois são usadas para substituir termos e conceitos, de uma forma mais abreviada.

Sendo assim utilizadas em os mais diversos lugares, tanto formal como informal, ou seja, os alunos expressam suas oralidades em diferentes lugares, e é fora do ambiente escolar que eles se sentem mais confortáveis para expressar as gírias criadas entre si..

Tabela 3: Ambiente de utilização de gírias:

Em que ambiente você utiliza gírias?	Escola	Casa	Praças	Festas
Alunos	8	8	8	7

Fonte: FERREIRA, Sâmea Gondim. 2019.

De acordo com a pesquisa, as gírias não são utilizadas somente em lugares formais, como o ambiente escolar, mas sim em locais públicos, em uma roda de conversa entre amigos da mesma comunidade de fala, e nesses lugares que mais ocorre as expressões das gírias criadas entre eles como uma forma de identidade do seu determinado grupo, pois são em momentos de descontração, onde eles não são cobrados a usar a norma padrão, onde eles não tem olhos julgadores a sua volta, somente as pessoas do seu meio social e faixa etária.

Dado as opções de lugares que poderiam haver o uso de uma conversa com gírias, não necessariamente que seja apenas nestes ambientes citados, mas que fossem os lugares mais comuns de se frequentar, devido ao fato de serem adolescentes e a cidade não ter tantas opções de lugares. A grande maioria respondeu que utilizam gírias fora do ambiente escolar, e marcaram mais de uma opção. E são nesses momentos que eles conseguem expressar mais a sua oralidade, como uma troca de expressões, acrescentamos de outras e a criação de novas, pelo fato de se sentirem confortáveis para se expressarem de maneira descontraída, o que não é propiciável no ambiente escolar.

É mais comum para os adolescentes quando eles estão entre amigos em ambientes públicos informais, pois eles utilizam gírias como um certo tipo de código para que outros não compreendam o que se é dito entre eles, é como uma forma de excluir quem não faz parte do grupo. Acredita-se que são nessas situações de descontração que surgem novas expressões para um mesmo significado, assim tornando a gíria um elemento vivo e mutável como afirma os teóricos.

Patriota diz que, são nesses lugares em que estão inseridos é que as gírias ganham mais destaque. Entretanto, podem haver nesses lugares um impacto negativo, quanto a utilização das mesmas, pois causa um certo desconforto e desentendimento em pessoas que não são ou não se inserem nessas comunidades de fala, e é aí que nasce os preconceitos linguístico, do desconhecido, do inusitado, do não comum do ambiente em que estes terceiros se inserem, como relacionado na tabela abaixo quando perguntados sobre a frequência em que utilizam gírias e se ocorre o preconceito linguístico.

Tabela 4: A interferência gerada pelo uso das gírias no vocabulário:

A frequência com que você utiliza gírias interferem no seu vocabulário e	Sim	Não
--	-----	-----

causa estranhamento gerando assim um preconceito linguístico?		
Alunos	4	6

Fonte: FERREIRA, Sâmea Gondim. 2019.

Durante a realização da pesquisa, foi colhido depoimentos, a qual foi relatado os preconceitos sofridos pelos alunos, apenas 3 deles responderam sim e justificaram suas respostas, como é o caso de uma aluna que disse “Sim, muitas vezes as pessoas ficam ofendidas”, o segundo aluno diz “sim, porque as pessoas não entendem”, e o terceiro escreveu “sim, porque deixa meu vocabulário paupérrimo”.

Desta forma, as gírias por sua vez ainda sofrem bastante preconceito perante a sociedade, tidas como uma linguagem de pobre e marginalizada, em determinados momentos causa uma reação de desentendimento, pois só entende e reconhece seu contexto de uso, é quem faz parte do grupo social em que o falante está inserido, e podemos perceber que na última resposta do terceiro aluno, ele diz que deixa o vocabulário dele “paupérrimo”, ou seja já está enraizado e estigmatizado que as gírias são uma variedade linguística inferior com relação as demais, e que usá-las diariamente não é bem visto e é ruim para seu vocabulário, quando na verdade é uma variedade rica em expressões e que insere os jovens em grupos.

Corroborando novamente com a afirmação de Luciene Maria Patriota de que as gírias, levando em consideração toda a sua carga socioeconômica e cultural se destaca perante as outras variedades das línguas faladas, pois são únicas, ricas e de uma imensa variedade de expressões e além disso, é caráter popular, pelo fato de ser presente no cotidianos dos indivíduos que vivem em sociedade, fazendo parte ou não das comunidades de fala.

Sendo assim a última pergunta foi voltada para: “Quais gírias você mais utiliza? Quais são os seus significados?” as respostas foram importantes e fora feito um glossário com as principais e mais recorrentes expressões utilizadas.

Quadro 1: Gírias e seus significados.

<b>GÍRIAS</b>	<b>SIGNIFICADOS</b>
<b>Top</b>	Legal, bom;
<b>Massa já</b>	Desnecessário, sem sentido;
<b>Massa</b>	Algo muito bom;
<b>Mano</b>	Abreviação de irmão, melhor amigo, chamar alguém, algo irrelevante;
<b>Rolé</b>	Passear;
<b>Jet</b>	Passear;

<b>Corre</b>	Fazer algo;
<b>Tu gela</b>	Ficar com medo de algo ou alguém;
<b>Dahora</b>	Algo legal;
<b>Shippar</b>	Apoiar um casal a ficar junto;
<b>Beleza</b>	Afirmando algo;
<b>Tô de boa</b>	Está se sentindo bem;
<b>Tchoco</b>	Algo desnecessário.

Fonte: FERREIRA, Sâmea Gondim. 2019.

Observando este glossário com diferentes expressões e significados, podemos perceber o quão vasta é essa variedade linguística e o quanto é interessante perceber que, uma mesma palavra, como é o caso de “mano” que fora dito que, dependendo da entonação em que é falado, pode se referir ao seu amigo, ou a algo irrelevante, como uma forma ou tom de desaprovação, ou a palavra “massa” que se refere a algo “muito bom”, porém com o acréscimo de um advérbio “já”, se torna uma expressão para situações “desnecessárias e sem sentido”. Outra coisa interessante de observar é que há várias expressões para um mesmo significado, como são os exemplos de “top”, “massa”, “dahora” que quer se referir a algo relativamente “bom”, “legal”. E também a expressão “rolê” ou “jet” que quer dizer “dar um passeio”, como afirmaram os alunos quando deram seus respectivos significados.

Então é perceptível o quanto as gírias são mutáveis e dinâmicas e o quanto ela sempre se encaixam em diferentes contextos e situações apresentadas pelos alunos, elas se adequam e se modificam, e como com o passar dos anos, as palavras que hoje fazem sucesso e são faladas corriqueiramente pelos indivíduos, posteriormente entrarão em desuso, serão criadas outras para se referirem as mesmas coisas dentro dos significados dados pelo glossário. Como J. B. Serra Gurgel já havia citado, que a gíria é uma expressão viva e dinâmica de um determinado grupo, onde se adequa as mudanças e contextos de usos como uma forma diferente e única de se expressar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado e debatido no decorrer desta pesquisa, podemos perceber que a gíria está presente no cotidiano dos indivíduos que convivem em sociedade, sendo ela uma linguagem popular, que com o passar dos anos sofre modificações para se adequar as novas gerações e seus contextos situacionais de uso, ainda que haja um preconceito línguístico para com essa vertente linguística.

A escola tem o papel importante de não se limitar e desconstruir esse preconceito velado que as gírias sofrem, sendo o seu público alvo os mais praticantes desta variedade línguística, pois neste

meio é considerado o correto somente o uso da norma padrão baseadas em livros de gramáticas, quando na verdade é de suma importância que haja uma valorização da bagagem cultural que o aluno traz consigo.

A falta desse conhecimento sobre as gírias acabam-na transformando em algo marginalizado, pobre, excluído e feio perante a sociedade, ou seja, não conseguem perceber que as gírias estão presentes em seu cotidiano e que é de caráter popular e corriqueiro, mas que isso não a faz menos importante que as outras variedades linguísticas.

Esta pesquisa possibilitou a identificação de como a gíria é comum no ambiente escolar, mesmo que seja ensinada apenas a norma padrão, e que é importante que haja um interesse dos docentes para uma melhor interação entre professor e aluno, pois é nesses momentos de manifestação da sua oralidade que ocorre o preconceito linguístico, a qual o professor é detentor dos ensinamentos e trabalha de acordo com suas concepções do ensino da língua, de forma tradicional e há essa repreensão da identidade linguística do aluno, refletindo de forma negativa em suas manifestações identitárias.

Nesta pesquisa não se propôs deixar de lado a linguagem padrão ensinadas nas escolas, e sim levar em consideração a bagagem cultural do processo identitário do aluno, deve-se reconhecer que existem outras possibilidades, outras variantes e que todas devem ser dada devida importância, pois são marcas da comunidade de fala em que o aluno está inserido. A gíria poderia ser aliada ao processo de ensino-aprendizagem e uma melhor interação entre o professor e aluno, pois facilitaria a sua compreensão, bem como a linguagem padrão, disponibilizando a este domínio no uso das variações nas situações de comunicação a qual poderá ser requerida.

## **Referência**

ALKIMIN, Tânia. **Sociolinguística** – Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda. e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001. V. 1. P. 21-47.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. **Sociolinguística**. In: MARTELOTTA, M. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. P. 141-155.

REIS, P. C.; MACHADO, D. P.; BARBOSA, S. C. D. A. **A Sociolinguística e o ensino da Língua Materna**. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE: *I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, 7 a 10 de dezembro de 2011. P. 6440 – 6450.

BRASIL/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quartos ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- CAMACHO, R. G. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. (Org). *Introdução à linguística*, vol. I. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.
- SERRA E GURGEL, J.B. Dicionário de Gíria: Modismo Linguístico. O equipamento falado do brasileiro. 5ª ed. Brasília, DF: J.B. Serra e Gurgel, 1998.
- PATRIOTA, L. M. **A gíria comum na interação em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2009.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.
- BUENO, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4 ed. São Paulo: FTD, 2007.
- ALKIMIM, Tânia M. Sociolinguística In MUSSALIN, F & BENTES, A.C (orgs). Vol. 1 *Introdução à linguística. Domínios e fronteiras*. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cursos de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José de Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 1996. 279 p.
- SANTOS, Patrícia Tavares de Almeida. *Só um instante, senhora que eu vou tá verificando se livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e expansão da mudança*, 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- GORSKI, Eldair Maria; COELHO, Izete Lhmkuhl. **Variação linguística e ensino da gramática**. *Working peppers em Linguística*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, Jan-jun. 2009.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- PRETI, Dino. *A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social*. São Paulo: Humanitas, 2006. p.241- 257.
- \_\_\_\_\_. *O Vocabulário oral e popular: a gíria*. In: PRETI, Dino. *Estudo de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. P. 65 – 113.
- SIGNORINI, I. **Lingua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. Rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.